



Abstração: Ponto de fuga e encontro de sentido

Isabela Lara Condé

Abstração:

Ponto de fuga e encontro de sentido

Trabalho final, apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da professora Patrícia de Paula Pereira.

Habilitação: Desenho

Belo Horizonte – Minas Gerais 2023

Sumário

Dedicatória.....	6
Significados.....	7
Sopa de palavras.....	9
Considerações teóricas sobre “arte produto” e “arte processo”	13
Poema.....	18
Trajeto.....	19
O começo.....	20
Os primeiros trabalhos abstratos.....	25
Texto sobre desenho.....	30
Imagens (desenho).....	32
Texto sobre desenho-objeto.....	67
Imagens (desenho-objeto)	70
Desdobramentos poéticos.....	78
Referências.....	81
Sites dos artistas.....	81

A todos que passaram pela minha vida
e fizeram a diferença.

Abstrato:

Adjetivo

- [Artes] que faz parte, ou se pode referir aos estilos de arte realista (não figurativa), presentes no século XX: obra de arte abstrata;
- [Filosofia] cuja existência se efetiva tendo em conta as abstrações, as características e as relações (não empíricas).

Substantivo masculino

- [Artes] indivíduo que faz parte do movimento abstracionista; artista que adota os princípios do abstracionismo; conferir às abstrações um valor idêntico ao das realidades concretas.

Abstrair:

Verbo bitransitivo

- [Filosofia] conjecturar em separado: abstrair a forma do objeto do conceito.

Desenho:

Substantivo masculino

- Delineação dos contornos das figuras;

- Representação a lápis, a tinta etc., de objetos e figuras, de paisagens etc.
- Arte que permite efetuar essas representações: curso de desenho.

Sentido:

Substantivo masculino

- Significação de uma palavra;
- significado. [Por Extensão] utilização do significado em diversos contextos; acepção; definição: sentido conotativo; sentido figurado.

Fuga:

Substantivo feminino

- Ação ou efeito de fugir, de sair ou de se retirar às pressas, para escapar de alguém ou de algum perigo; fugida, evasão; debandada.
- [Figurado] o que se usa para se esquivar de uma situação; subterfúgio, escapatória.

Abstração

Mídias Digitais

Claro/Escuro

PeB

Simétrico

Leveza

Cheio/vazio

Forma/Contra forma

Concreto

Minimalismo

Pesquisa

Desenho

Lúdico

Chapado

Objeto

Composição

Linhas / Traços

Técnica Mista

Despojamento

Grafismo

Abstrato

L
A
R
A
O N D, F

C
O
N
D,
F

C
O
N
D,
F

L
A
R
A
O N D, F

O N D, F
A
B
R
A
L

F
D,
N
O
C

F
D,
N
O
C

O N D, F
A
R
A
L

Considerações teóricas sobre “arte produto” e “arte processo”

Na história da arte, pude perceber, a partir de vários teóricos, que a tradição ocidental foi fortemente marcada pelo platonismo¹ das essências² que nos serviram e servem na realização da arte como "cópias" do "mundo das ideias". A arte procuraria se constituir, assim, como uma realização a posteriori³ de uma essência prévia a priori.⁴ Embora, muitos teóricos e artistas tenham passado a criticar essas ideias no mundo contemporâneo, esse essencialismo platônico ainda existe em alguns artistas, estudantes de arte, mas sobretudo na ideia que as pessoas têm de arte. É como se nós artistas tivéssemos que, a todo custo, provar por meio de nossos trabalhos, um tipo de “essência realizada”, mostrando nosso caminho poético como uma trilha prefigurada rumo à essência da arte. Arte como “descoberta” e não arte como “construção”. Sempre tive muita dificuldade de me expressar sobre isso e de me posicionar às críticas que recebia.

Encontrei na ideia de “desconstrução” de Jacques Derrida uma referência para lidar com esse platonismo na arte. A desconstrução, segundo Derrida, não

¹ [Filosofia] Filosofia de Platão de acordo com a qual as essências das coisas existem independentemente delas, sendo estas ideias não condicionadas nem limitadas por suas formas, sendo suas representações em objetos reducionistas e grosseiras.

² O que constitui a natureza de um ser, de uma coisa.

[Filosofia] Existencialismo. Natureza ideal de um ser: para o existencialismo, a existência precede à essência.

[Filosofia] Platonismo. O ser autêntico, percebido a partir do espírito que se sobrepõe às percepções sensoriais, tornando-se habilitado para refletir sobre a imutabilidade de alguns aspectos da própria realidade.

³ Partindo do que é posterior; pelos motivos que aparecem a seguir; a partir dos resultados que se seguem; partindo do efeito para a causa tendo em conta o que é anterior.

[Filosofia] O que é estabelecido e dito em razão da experiência: método *a posteriori*.

⁴ Partindo do que é anterior; a partir de dados ou fundamentos anteriores. [Por Extensão] que resulta da análise; cuja fundamentação ou informações foram entregues de modo prévio.

é a “destruição”, mas a “reorganização” de uma visão de mundo e seus valores. Como mostra Alice Serra, em seu estudo sobre Derrida:

A Desconstrução não apreende a arte como um objeto dado ou construído pela teoria, tampouco se dirige a obras e artistas um **sistema prévio de conceitos ou com um método interpretativo a ser-lhes aplicado**. (SERRA, 2014, p. 39) – *grifos meus*.

Se a tradição ocidental impôs uma ordem, podemos refazê-la. Podemos encontrar outras possibilidades. Assim como os outros valores ocidentais, é preciso entender a arte a partir de um reordenamento.

Efeitos do pensamento desconstrutivo sobre a obra abordada: ao pretender preservar o espaço da arte, a Desconstrução insiste em desprendê-la de enfoques parciais e reducionistas, sejam estes de cunho historicista, psicologista ou outros, reconduzindo-a a uma diversidade de remissões de sentido (SERRA, 2014, p. 40).

Essa tradição platônica, aliada a outros fatores (econômicos, sociais) levou a arte a ser entendida como “produto”, como resultado final, e não tanto como “processo”. Considerando Derrida, se rearranjarmos a arte não na perspectiva do produto, mas do processo, percebemos que é nítido que um processo não segue um a priori platônico. Ao contrário, o processo é cheio de intercorrências e percalços. Sejam estes do tempo, das técnicas, dos materiais, dos motivos que nos motivam. No processo da produção de sua obra, o artista se vê diante de uma rede de escolhas circunstanciais, que, não raras vezes, modificam o rumo da tarefa. Como pensar em um a priori platônico aqui? Difícil. Assim,

Em contraponto à metafísica clássica, que sempre teria privilegiado o sentido ideal e a linguagem falada em **detrimento da inscrição gráfica**, Derrida pensa a linguagem como uma rede de traços [significados] diferenciais: seja num texto literário ou filosófico, **seja numa tela ou gravura**, o traço inscrito institui diferença, distingue-se dos demais na medida em que se delimita e se relaciona com os demais, de um modo singular a cada vez. **O traço escrito não se subordina ao significado ideal**, à palavra falada, **à imagem ideada, ele não os representa**. Ao poder se expressar de um modo diferente em relação ao que se pretendia, **ele contamina o sentido ideado**, podendo surpreender o sujeito que supunha **controlar os modos de expressão** (SERRA, 2014, p. 42) – *grifos meus*

Além disso, a arte ocorre, em grande medida, no vir a ser do seu processo e não tanto no resultado cristalizado do seu produto. A arte seria assim como um iceberg no qual o processo seria a parte submersa, sendo a pequena parte que aparece o seu produto.

Mas, infelizmente, sobretudo para a população, dificilmente existe uma “interpretação dos processos”, mas do produto. Muito frequentemente não se costuma expor um processo e vendê-lo, ainda que hoje em dia tem-se aumentado essa questão, mas o produto finalizado.

Então, diante disso, tenho uma dificuldade de prefigurar o meu processo criativo. Ele é muito mais um processo pragmático⁵ do meu fazer, dos meus materiais, ainda que esse processo possa ter, e tem, diretrizes, concepções prévias que podem ser modificadas (e se modificam) ao longo do processo.

Soma-se a isso o fato de o produto também ser algo interpretativo. A obra de arte pode, e é, interpretada de diferentes maneiras pelo espectador. (O que é um dos principais valores da arte). Assim o que eu quero dizer é que a minha

⁵ Diz-se do que é prático, direto; que realiza algo de maneira objetiva sem se desviar do seu propósito; prático, objetivo, direto.

[Filosofia] Refere-se ou pertence ao pragmatismo; que tem o valor prático como critério de análise.

arte nem sempre será aquilo que é interpretado pelo espectador e também por mim mesma, o que aumenta a minha angústia de ter que dar respostas prévias e muito precisas sobre o que eu quis com a minha arte (com os elementos que ali contém, de como uma ideia surgiu, etc.). Eu sou espectadora de mim mesma e artista, já os espectadores também são artistas.

Assim, sempre tive muitas dificuldades em responder às perguntas dos meus professores sobre os meus trabalhos. Nunca tive este mapa muito claro, pois costumo me deixar levar pelas intercorrências poéticas de um fazer que busca se construir no processo (e não no produto) o seu objetivo final. Não que eu desconsidere o produto, mas uma vez concluída a obra ele é apenas um marco de **um longo processo que me foi muito mais rico** que o produto alcançado. Certamente, esses produtos são marcos importantes desse processo, mas não todo o processo. Espero que o leitor deste trabalho, procure ter em mente essas ideias de uma “desconstrução” ou “reordenamento” da relação processo/produto artístico, pois foi a partir desses pensamentos que trilhei a minha poética.⁶

⁶ Arte de elaborar composições poéticas.

Conjunto de recursos expressivos, especialmente quanto à técnica do verso, de um escritor, de uma época.

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.

Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.

O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.

Me recuso a viver num mundo sem sentido.

Estes anseios/ensaaios são incursões em busca do sentido.

Por isso o próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.

Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.

Tirando isso, não tem sentido.

- Paulo Leminski

1) Trajetos

Meus interesses estéticos começam na primeira infância com a moda. Nos detalhes das roupas, sapatos e acessórios, o meu olhar, invariavelmente seduzido por essas imagens-objetos, de modo inconsciente, me conduziam ao início de toda uma história, a uma considerável coleção de sapatos infantis e alguns desenhos de roupa. Desde então, tenho me envolvido em diferentes atividades criativas e artísticas, passando pelas tarefas escolares de datas comemorativas, aulas de história da arte, gastronomia, confeitaria, violino, dança, desenho, teatro, maquiagem e escrita criativa.

De alguma forma, entre as atribuições e demandas da rotina, do crescer e tornar-me adulta, da saúde que nem sempre estive em dia, esses percursos inventivos, manuais e estéticos sempre apareceram. Essa procura, esse interesse por essas áreas foram e são para mim, não somente como uma diversão, uma descontração, mas um aprender através do lúdico, assim como uma busca pelo autoconhecimento.

Não muito diferente, quase como caótico, foi o meu caminho profissional até a chegada na Escola de Belas Artes. Depois de alguns anos com breves passagens por outros cursos, percursos e de algumas pausas, veio ao meu conhecimento sobre esse curso do qual me formo e que, quase como por curiosidade, resolvi tentar. Cansada e decepcionada com o que tinha visto nos outros cursos, aquelas informações sobre o curso de artes me pareceram suficientemente interessantes, e mesmo a Escola Guignard sendo em um local distante de minha casa, era algo que me parecia valer a pena. Assim, em 2018 começa meu percurso artístico profissional.

Já quase pela metade do curso, por motivos de logística, decidi passar para a Escola de Belas artes da UFMG e, em 2020, de forma virtual, começa minha trajetória na EBA.

1.2 O começo

Sinto que os meus trabalhos se desenvolvem ou se desenrolam mais como experimentações, tentativas e erros. Por isso, não sabia muitas vezes explicar como havia chegado até ali com aquela arte, quais eram as ideias por detrás daquelas criações. Esse “mal” costume foi permanecendo no decorrer dos semestres. Mas, retrocedendo na história do meu percurso, os primeiros trabalhos abstratos começaram nas aulas de impressão, de forma não diferente, também como experimentação.

Mais tarde, depois de uma pausa com a abstração e o envolvimento em outros projetos, no primeiro ateliê de desenho me voltei para essa temática e percebi que eu tinha gostado de fazer aquilo – havia um certo conforto e, assim, entre muitos “não sei” e em momentos difíceis, a abstração surge como uma constante, do qual sigo me envolvendo até o presente momento.

Pensando sobre toda a minha trajetória no curso, acredito que optei pela abstração porque acho que a figuração tende a ser mais “fechada” e a abstração mais ampla. Em certo sentido, a abstração me permite fugir, fuga essa principalmente em relação à visão platônica e à tradição, como também de mim mesma, pois muitas vezes não sei exatamente o que eu quero, não tenho planejamentos aprofundados. O meu sentido está no processo, eu sou o processo e é através dele e de suas intercorrências que descobrirei o que se dará. É no labor que as coisas se mostram. É preciso “fugir” para que o sentido se mostre, pois se o artista pode dizer que tem um certo domínio do processo, o produto é livre para ser interpretado.

Produto esse que não se fixa, não permanece, pois muitas vezes o que se cria nada tem a ver com o que foi prematuramente pensado e, também, produto esse que precisa de tempo para que tenha algum sentido. Então, como dito no poema de Leminski, trazido aqui, há muitos mistérios, no entanto, é nesse lento andamento que as coisas acontecem e, por isso, aqui neste trabalho escrito, as vezes os verbos são usados no tempo do passado.

Ironicamente, não utilizo o “ponto de fuga” nas minhas obras, essa expressão aqui é usada como um empréstimo para via de ambiguidade e humor. É como

se nessa fuga eu criasse caminhos-linhas que me ligariam a um ponto, o ponto em questão é o sentido e o autoconhecimento.

Todos os ateliês foram muito importantes para mim na medida que os professores foram me mostrando questões que existiam nos meus trabalhos dos quais eu não havia percebido. Além disso, ao "insistirem" em mim, me faziam falar menos "não sei", o que acabou me estimulando a buscar um conceito que pudesse ancorar o que eu sentia, mas ainda não conseguia nomear.

Como dito, desde aquele primeiro ateliê de Desenho, tenho pesquisado nos meus trabalhos sobre a arte abstrata como recurso expressivo. No decorrer dos semestres, o leque de possibilidades com a abstração foi se expandindo, de forma que os trabalhos se desdobraram em diferentes meios como a pintura, a canetinha, a caneta esferográfica, o giz oleoso, os meios digitais, a tecelagem, o nanquim, o grafite, o lápis de cor e alguns materiais menos comuns. Por isso, para melhor compreensão, esse Trabalho de Conclusão de Curso será dividido em duas partes: **Desenhos e objetos**.

Ainda que todos esses trabalhos sejam no campo da abstração, como dito, eles se diferem, mas o que eles têm em comum é a questão de focarem na própria visualidade e matéria da arte. A atenção está nos elementos que eles contêm, como que eles juntos conseguem formar um todo, uma *Gestalt*, e como a composição está funcionando. Desse modo, em certo sentido, meus trabalhos podem parecer caminhar ao encontro dos dadaístas:

Dada é uma contestação absoluta de todos os valores, a começar pela arte. [...] Esta deixa de ser um modo de produzir valor, repudia qualquer lógica, é *nonsense* [...], ela pode se valer de qualquer instrumento [...] retira seus materiais seja de onde for, [...] ela documenta um processo mental, considerado estético por ser gratuito. (ARGAN, 1992. p.353)

Reiterando o que foi dito acima, esses trabalhos funcionam mais pela interação mental do espectador com a obra, pois o sentido não está dado, às vezes pode parecer apenas decoração, não desmerecendo esse campo, pois

gosto muito, mas possuem outras questões ali subjacentes. Portanto, um dos interesses na abstração reside justamente nesses possíveis caminhos que ela me traz, eventualmente, pode parecer me levar para uma ideia de artesanato (uma vez que é um fazer) assim como podem também levar para a arte que permite refletir sobre a poética desse fazer. Essa dicotomia ou essa dúvida também muito me interessa.

Talvez, a abstração seja uma forma de fugir de mim mesma.
Pode ser tudo e pode ser nada. Eu gosto disso, porque assim
não preciso determinar rigidamente meu caminho a priori.

Os primeiros



Título: Sem título
Material: tinta acrílica s/ Capa de Cd
Ano: 2020
Dimensão: 12 cm x 12 cm



Título: Sem título
Material: tinta acrílica s/ Capa de Cd
Ano: 2020
Dimensão: 12 cm x 12 cm



Título: Sem título
Material: tinta acrílica s/ Linóleo
Ano: 2020
Dimensão: 42.0 cm x 42,0 cm

Desenhos

2) Abstração: geometrias e aparências

Processo digital. Primeiramente os desenhos eram, em sua maioria, planejados e rascunhados em um programa de computador para em seguida serem transpostos em papel e trabalhados manualmente. Papel carbono, papel manteiga ou luz solar eram as práticas que me ajudavam nessa etapa até que, me foi sugerido, como uma outra possibilidade, imprimir-los diretamente desse programa. Devido a essa técnica, algumas dessas obras são impressões a jato, já outras permaneceram digitalmente, somente existindo dessa maneira.

Ainda sobre o processo, há também, em raras ocasiões, o traço livre, a mão que não tinha modelos e moldes a serem seguidos, como nos meus trabalhos "Serra" e "Multidão", por exemplo. Essas imagens, relacionando com o que eu disse na introdução, são resultados de tentativas e erros, de formas que foram combinadas.

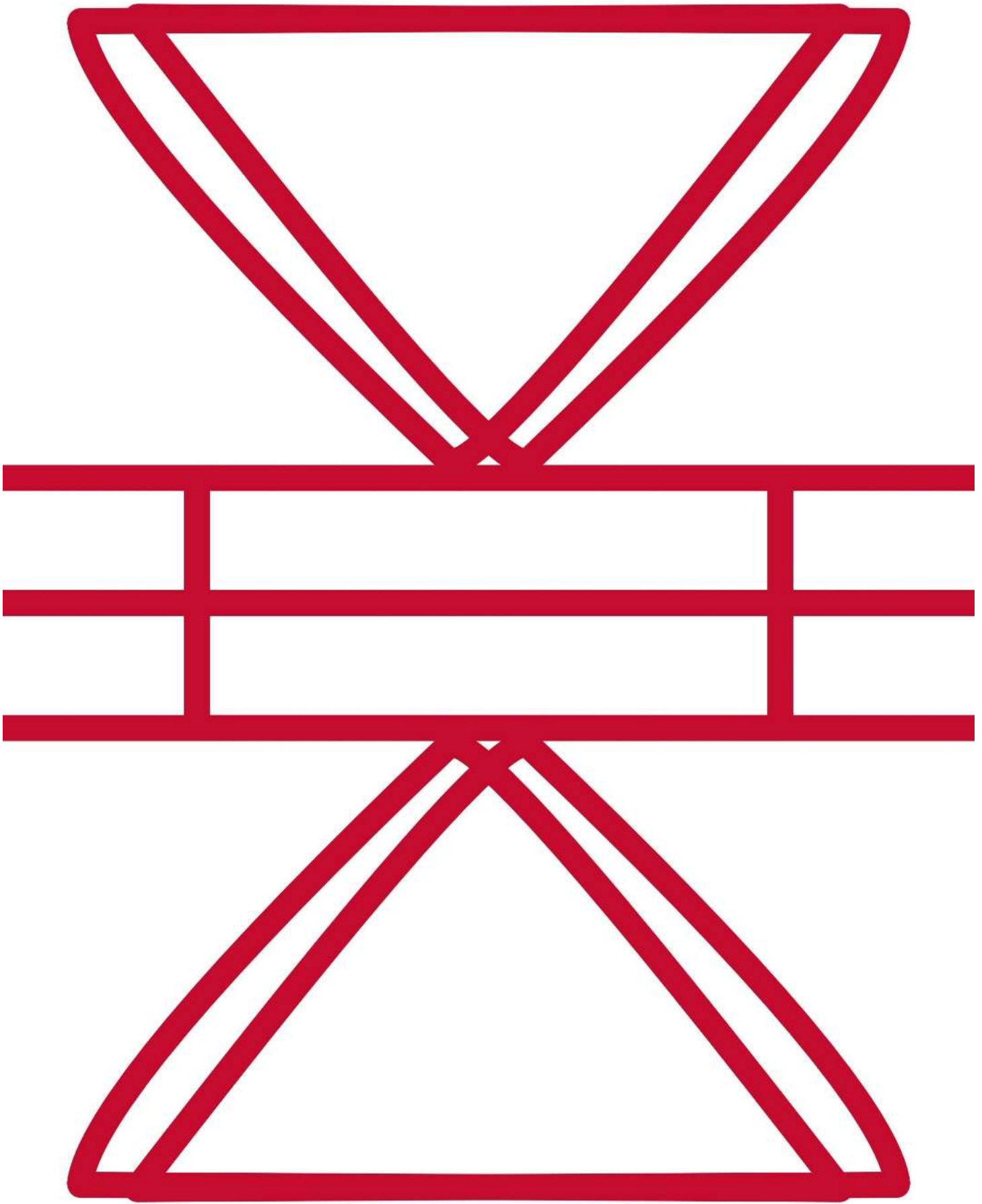
Esses desenhos, feitos ao longo dos quatro ateliês de Desenho, podem ser percebidos e divididos em dois grupos: **formas geométricas e disformes**. Seja como for, em todos esses trabalhos, a composição era o ponto de partida para a feitura dos mesmos. Os possíveis elementos e formas dos quais eu havia criado eram escolhidos, emparelhados e arranjados de maneira que, para mim, juntos formassem uma composição suficientemente harmônica e não confusa, o que muitas vezes significava ir para o minimalismo, uma aparência "clean". Na época da feitura desses trabalhos, não havia, em minha mente, na maioria das ocasiões, uma intenção conscientemente planejada, um significado a ser comunicado ou elementos previamente escolhidos, como cor, forma e tipo de papeis, por exemplo, mas com uma análise em retrospecto, pode-se perceber que todas essas obras seguem uma direção, foram construídas de maneira chapada, sem profundidade, sem mistura de cores e, em sua maioria, tendo apenas uma única cor.

Em certo momento do penúltimo ateliê, dentro da abstração, estive focada na criação de formas-módulos que formassem padrões e estampas, muito em diálogo com o design e a moda. Sendo assim, percebo que foi um dos poucos

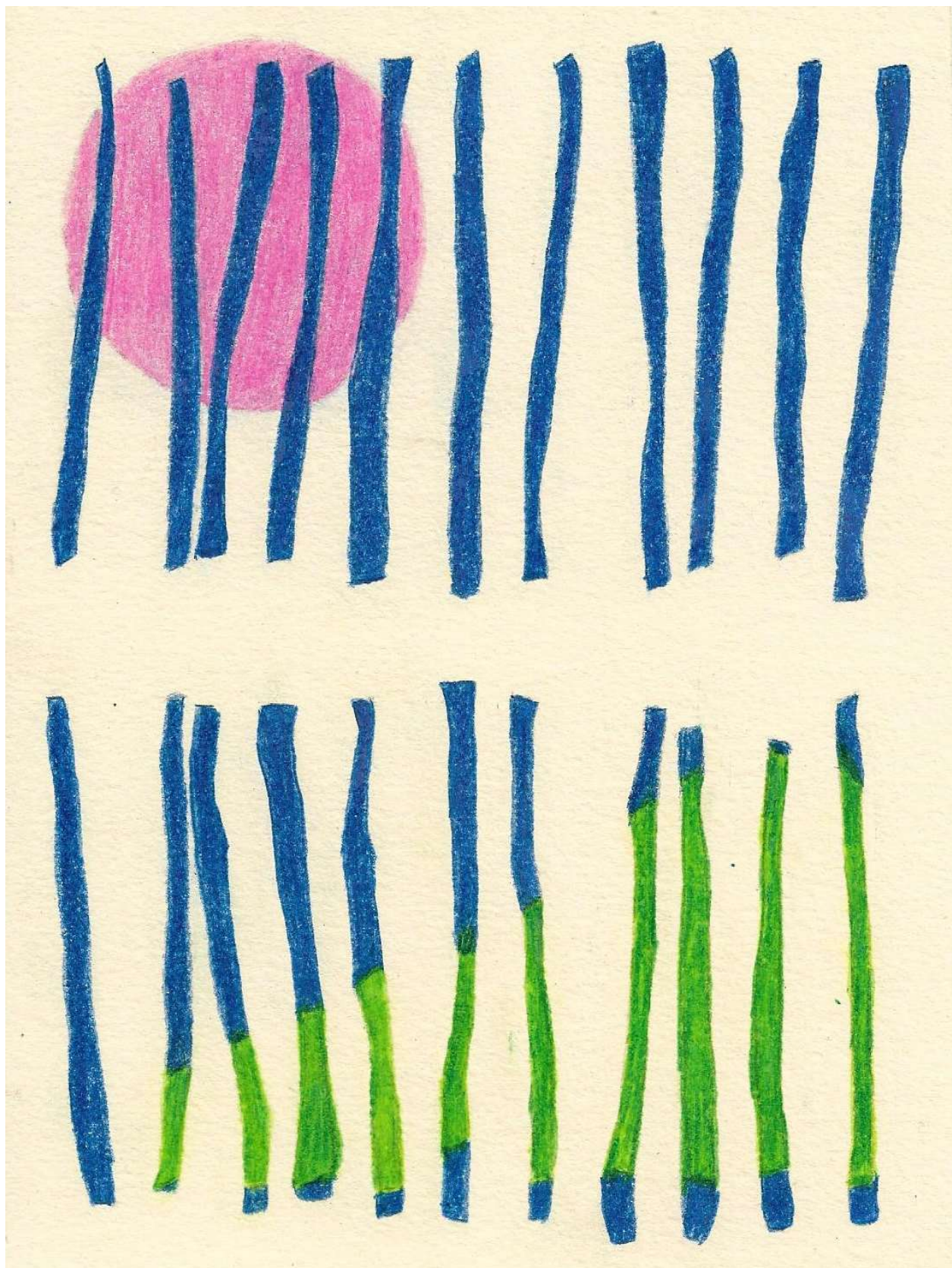
momentos na minha trajetória universitária em que conscientemente estive fazendo um trabalho.

No decorrer do semestre, a partir de um questionamento e debate com um dos professores da disciplina, surge ainda nesse mesmo período, concomitantemente aos trabalhos em papel, a pesquisa do desenho-objeto que falarei sobre, na terceira parte deste trabalho.

Em processo de pesquisa sobre artistas que pudessem dialogar com os meus trabalhos do momento, conheci alguns, tais como Antônio Bokel, Bruno Rios, Nuria Maria, Atos Bulcão, Harriet Raab e Giuseppe Capogrossi que possuem estéticas que me serviram como ideias nesses processos.



Título: Sem título
Material: Digital
Ano: 2022



Título: Entardecer
Material: Lápis de cor s/papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 19,0 cm x 13,5

Linhas definidas, formas geométricas, chapadas e simétricas. Imagens gráficas, minimalistas e espelhadas que foram feitas com o uso de aparatos digitais.

Obras que podem dialogar com os trabalhos de Bokel e Harriet.



Título: Troca Troca
Artista: Antônio Bokel

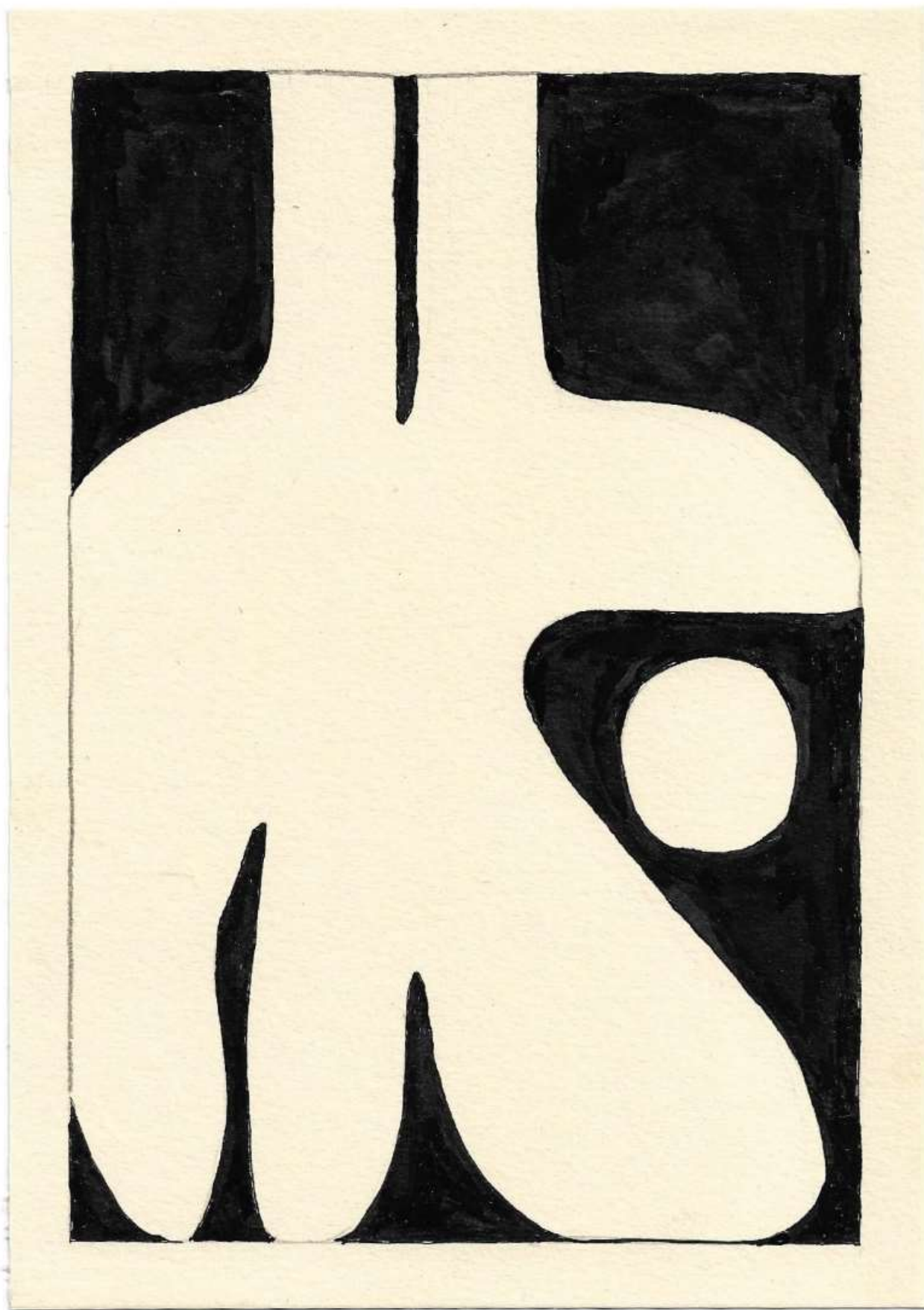
Material: Acrílica e spray sobre tela Dimensão: 150 x 120cm

Na procura de artistas que pudessem, de alguma maneira, me dar ideias sobre formas geométricas e cores, uma vez que, na ocasião, estive focada em fazer esses tipos de trabalhos, como dito na página anterior, me foi apresentado o artista Bruno Rios.

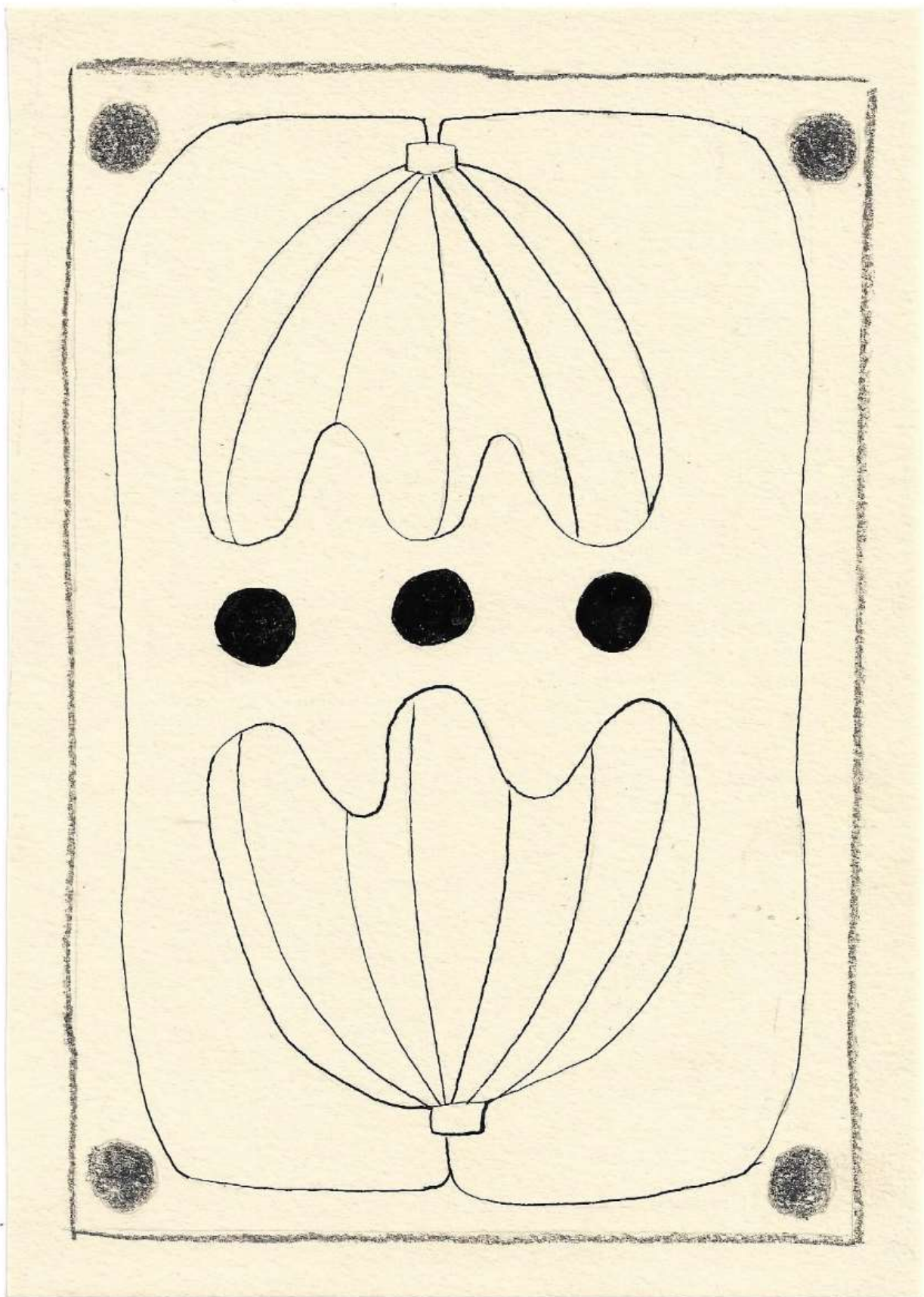
No mesmo período, através das redes sociais, descobri a artista Harriet Raab, e acredito que eles não somente dialogam com os meus trabalhos nessa parte, mas nas demais também, porém principalmente aqui, uma vez que possuem essas questões das geometrias mais definidas e chapadas, das cores com pouca ou nenhuma mistura e da simetria, apesar das obras de Bruno Rios não serem tão simétricas. À época, acredito que me pareceu fazer sentido, eu estava querendo algo como isso, delimitado, bem definido e "clean".



Título: -
Artista: Harriet Raab
Material: -
Ano: -
Dimensão: -



Título: Bicho da meia noite
Material: Nanquim e grafite s/papel Canson
Ano: 2022
Dimensão: 21,0 cm x 14,7 cm

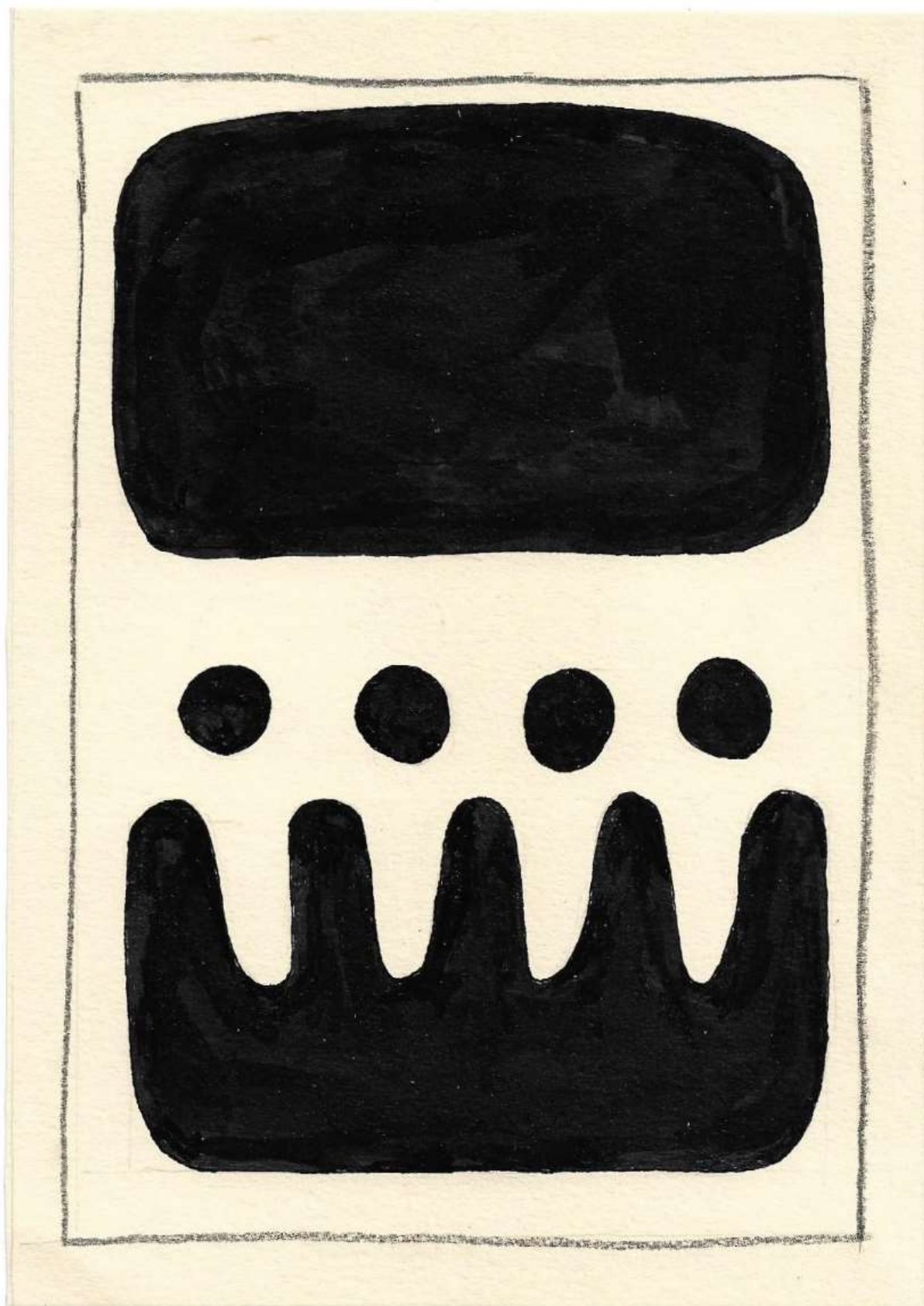


Título: Botânica 1

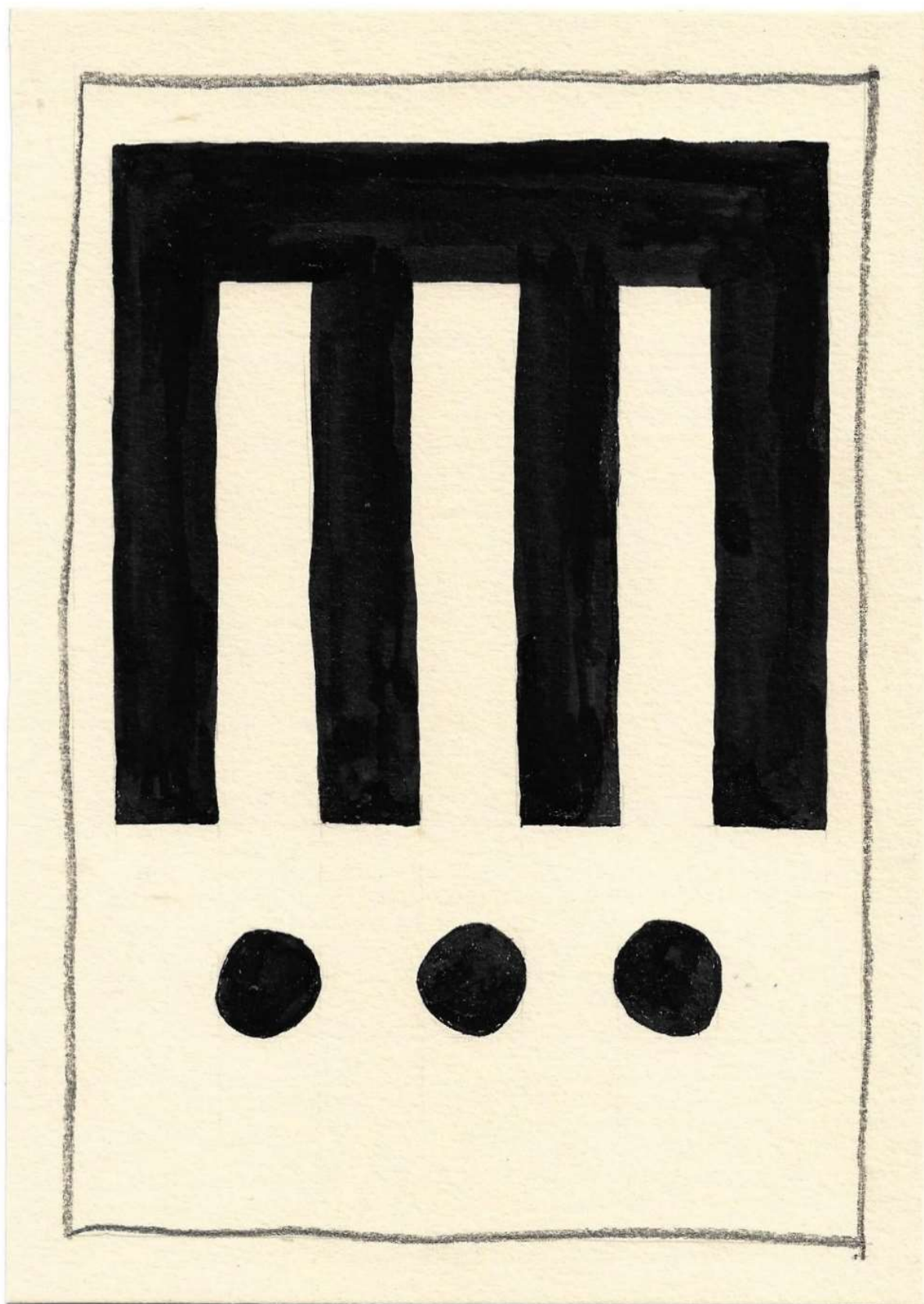
Material: nanquim e grafite s/papel Canson

Ano: 2023

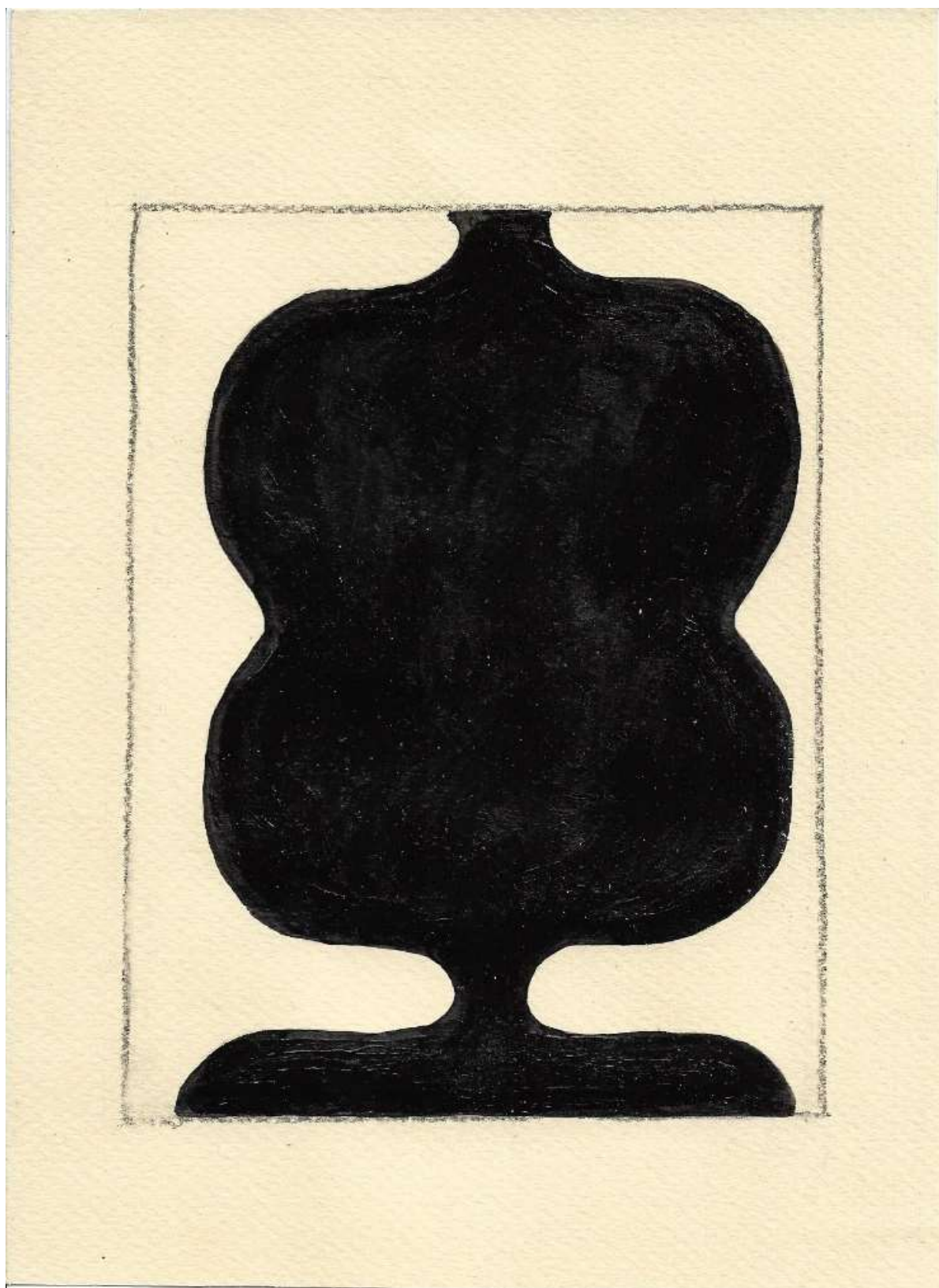
Dimensão: 21,0 cm x14,5 cm



Título: Botânica 2
Material: nanquim e grafite s/papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 21,0 cm x14,5



Título: Harmonia
Material: nanquim e grafite s/papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 21,0 cm x14,5



Título: Botânica 3
Material: Nanquim e grafite s/papel Canson
Ano: 2022
Dimensão: 21,7 cm x 15,7

Claro/escuro, monocromático, cheio e vazio. Composição harmônica, minimalista e "clean" feitas digitalmente e transportadas para papel Canson através do papel carbono. Combinações de formas geométricas e disformes.

Obras que talvez possam dialogar mais com os trabalhos de Antônio Bokel – principalmente com suas pinturas dos últimos anos, e Nuria Maria.



Nuria Maria é uma artista holandesa focada em abstração, principalmente em pintura, então acredito eu, que seja por isso que ela foi tão recorrente para mim, nesses últimos dois semestres. Formas geométricas ou disformes, estética "clean" ou não, ela tem de tudo e, o mais importante, é que eu gosto dos trabalhos dela. Ela me inspira!

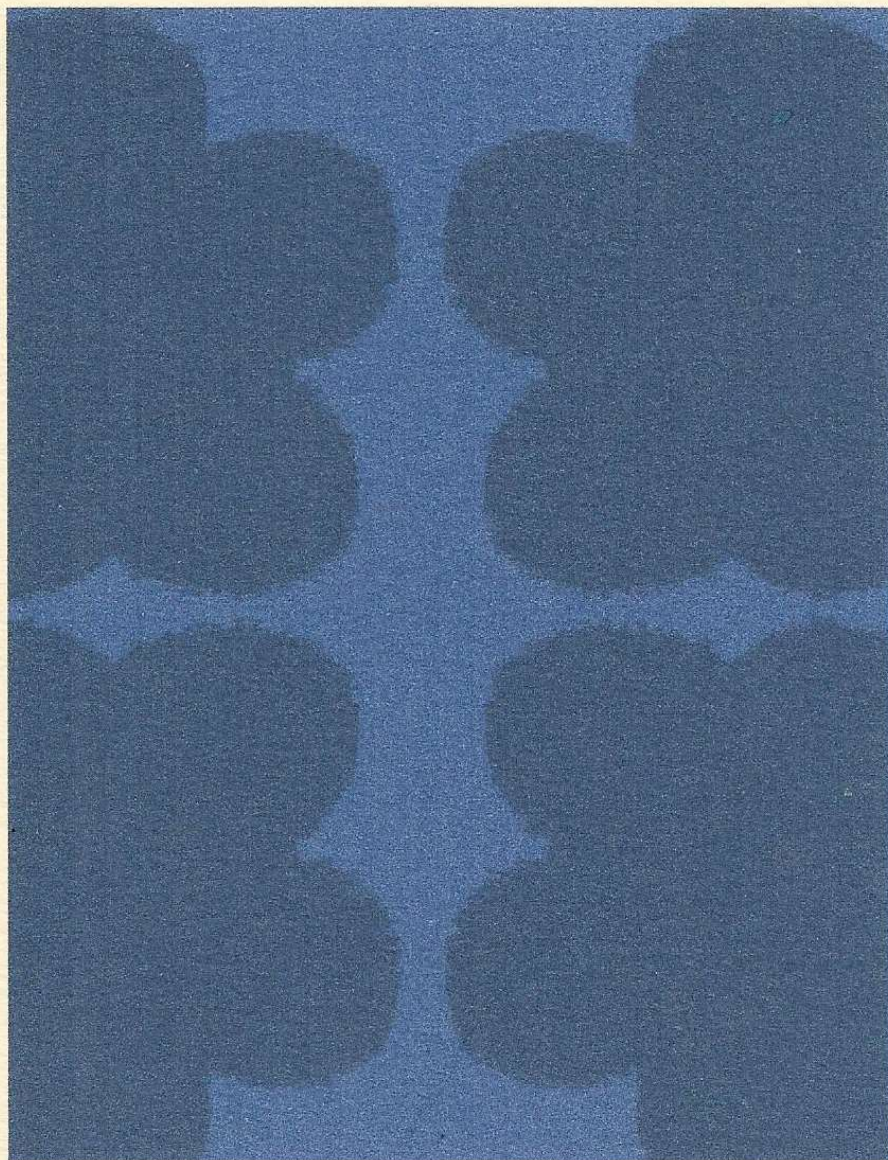
Título: *Coral and Crab*.
 Artista: Nuria Maria
 Ano: 2020
 Material: Acrylic on canvas
 Dimensão: 160 × 130



Título: -
 Artista: Antônio Bokel
 Ano: -
 Material: -
 Dimensão: -



Título: Padrões
Material: giz oleoso s/ papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 21,0 cm x 14,7 cm



Título: Botânica 4
Material: Impressão a jato s/papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 21,0 cm x 13,6

Repetições de formas, padrões, módulos, estampas, forma e contra forma. Trabalhos também feitos digitalmente e transportados no papel Canson através do papel carbono e que dialogam com a área do design e da moda.

Obras que podem dialogar com os trabalhos de Athos Bulcão, Antônio Bokel e Giuseppe Capogrossi.



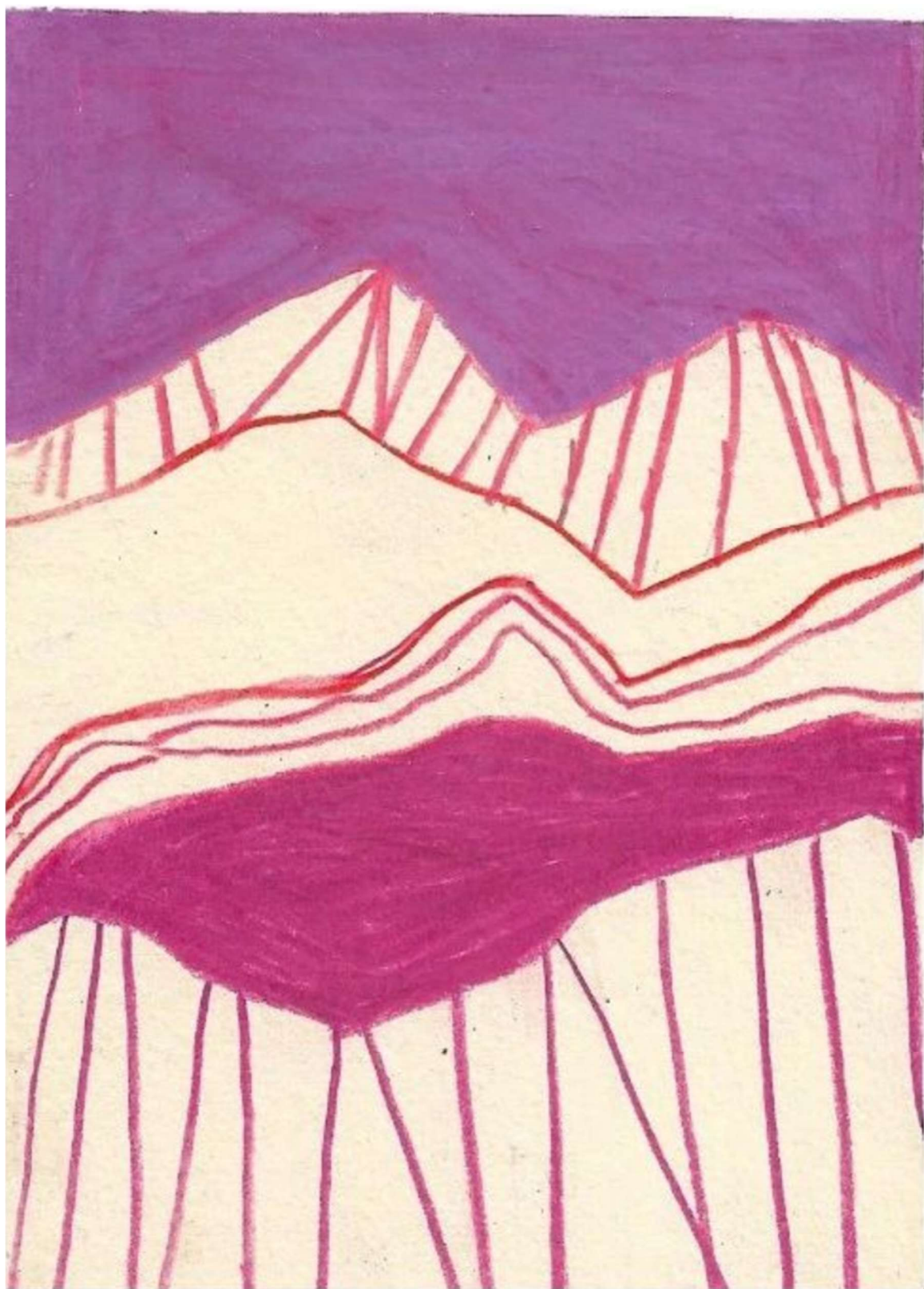
Título: -
 Artista: Athos Bulcão
 Material: Painel de azulejos.
 Ano: 1972
 Dimensões 285 x 3660 cm



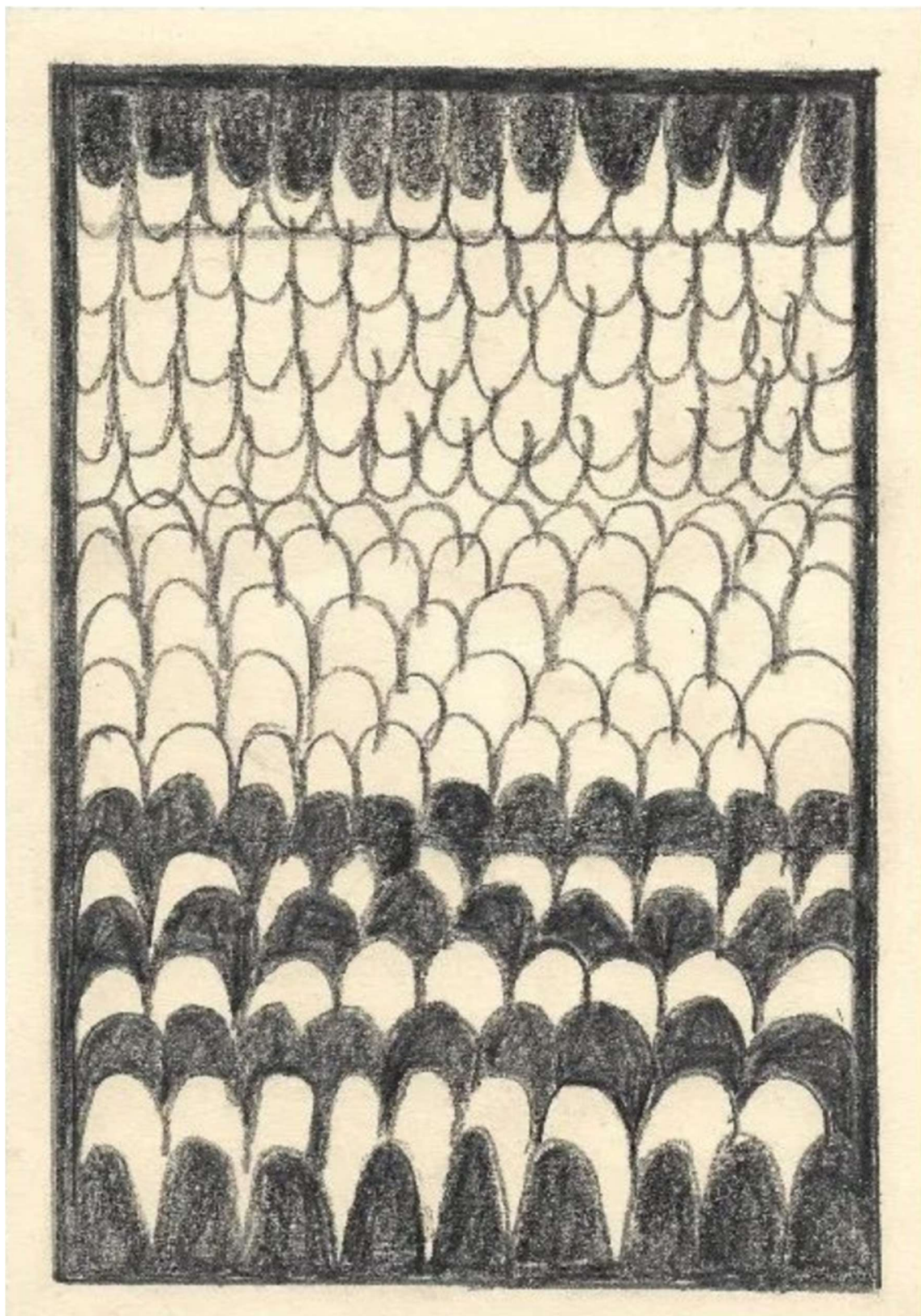
Título: Forma Contra Forma
 Material: Acrílica sobre madeira
 Artista: Antônio Bokel
 Ano: 2021
 Dimensão: 220x 200cm



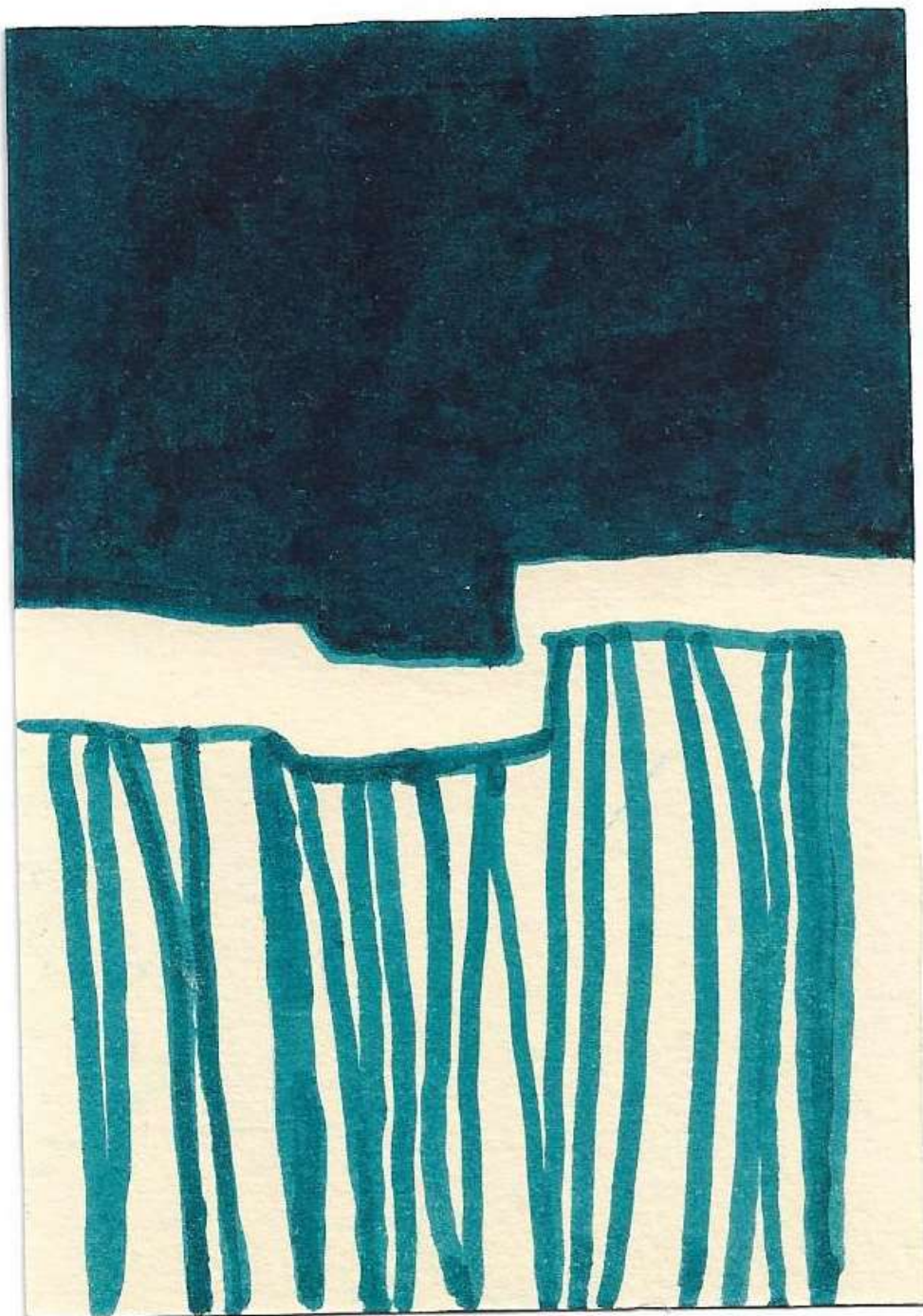
Título: Superfície CP/791
Artista: Giuseppe Capogrossi
Material: tempera on paper on canvas
Ano: 1960
Dimensão: 18 x 24.8 cm



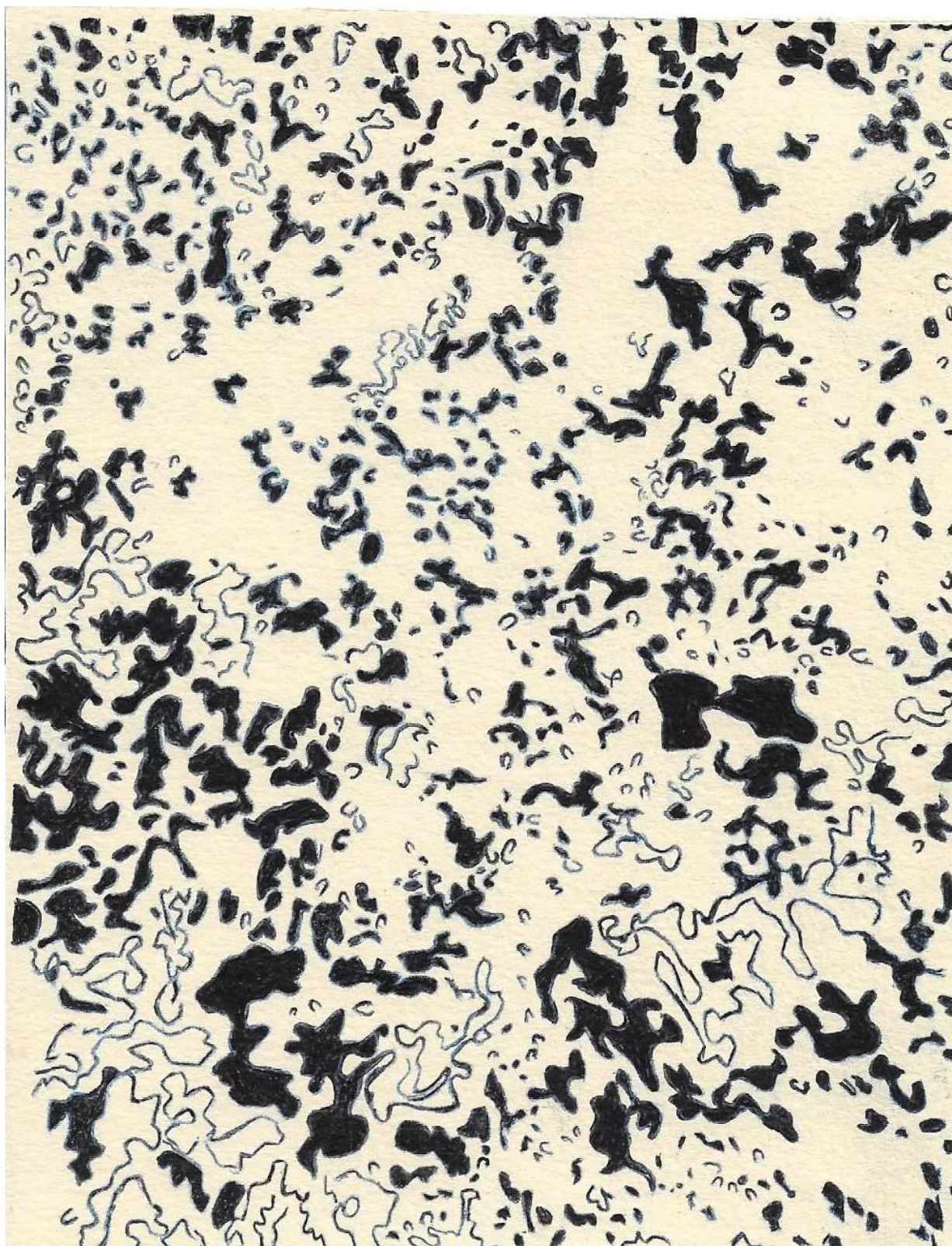
Título: Serra
Material: Lápis de cor s/papel Canson
Ano: 2022
Dimensão: 14,0 cm x 10,0 cm



Título: Multidão
Material: Grafite s/papel Canson
Ano: 2023
Dimensão: 21,0 cm x 14,7 cm



Título: Sem título
Material: canetinha s/papel Canson
Ano: 2022
Dimensão: 10,6 cm x 7,5 cm



Título: Sem título
Material: Nanquim s/papel canson
Ano: 2023
Dimensão: 16,5 cm x 12,7

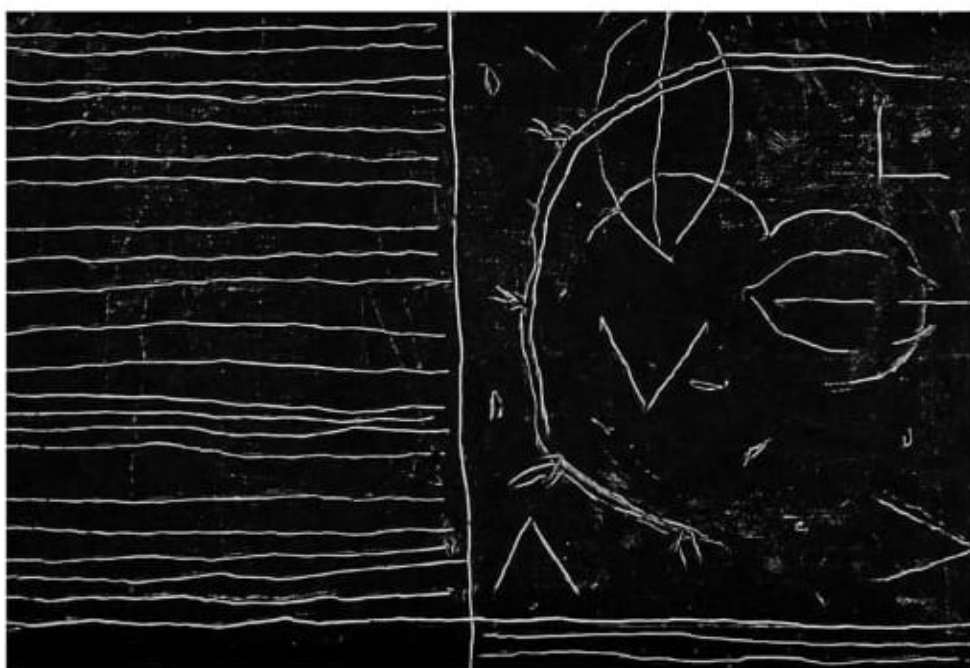
Traços livres, sem moldes e linhas fluidas.

Imagens amorfas e um tanto quanto desordenadas,

Um tanto quanto menos assépticas.

Mutantes em proliferação em busca de se tornarem formas
geométricas.

Trabalhos inspirados em elementos da natureza e do cotidiano. Acredito que
possa estar mais em diálogo com Nuria Maria e Bruno Rios.



Título: *O nó dos trópicos na palma da mão*
 Artista: Bruno Rios
 Material: Monotipia sobre papel mata-borrão
 Ano: 2021
 Dimensão: 25x 35 cm



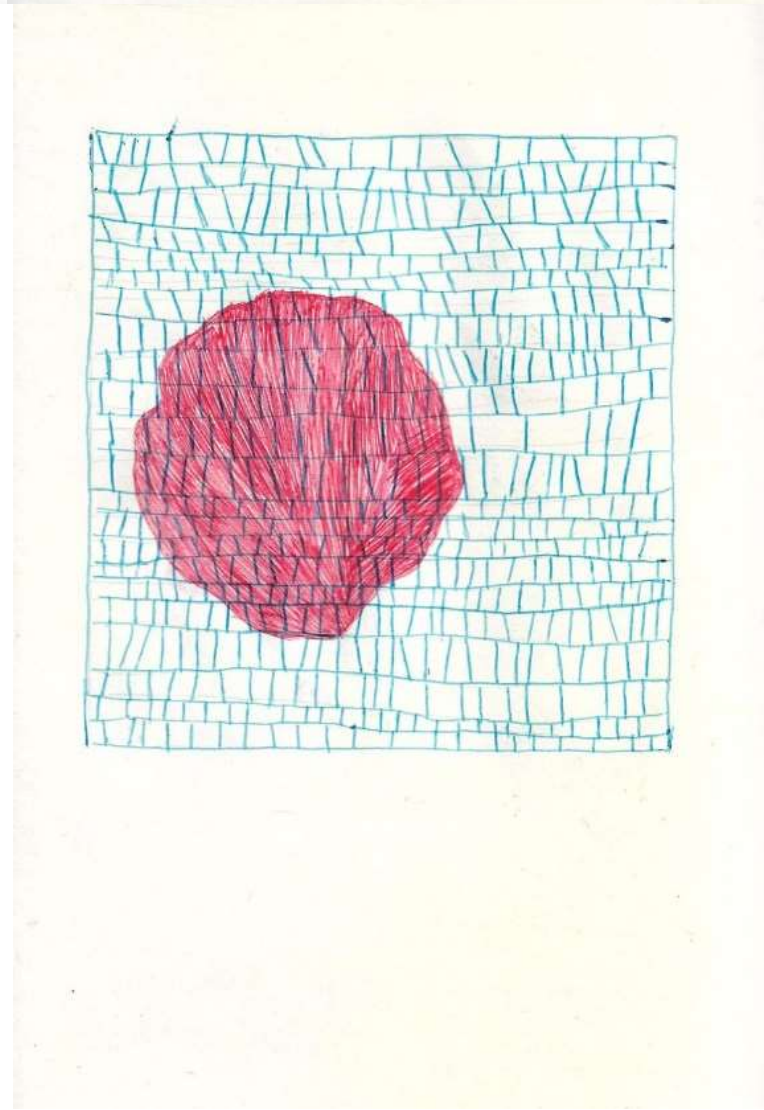
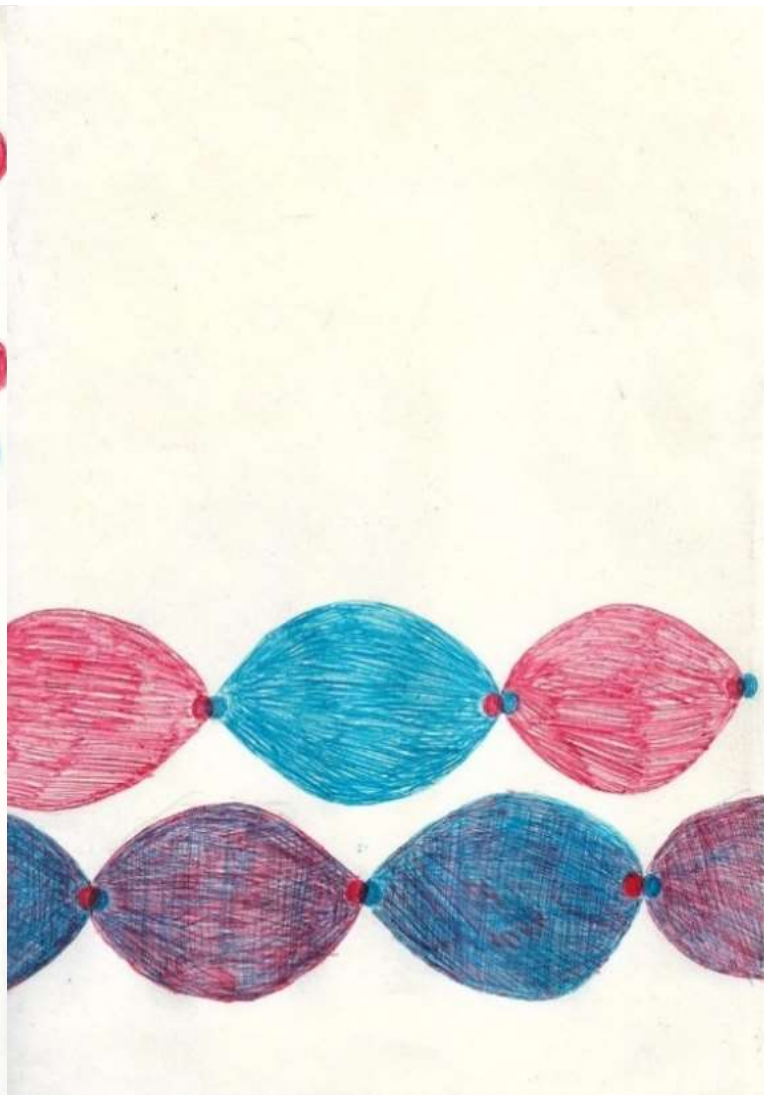
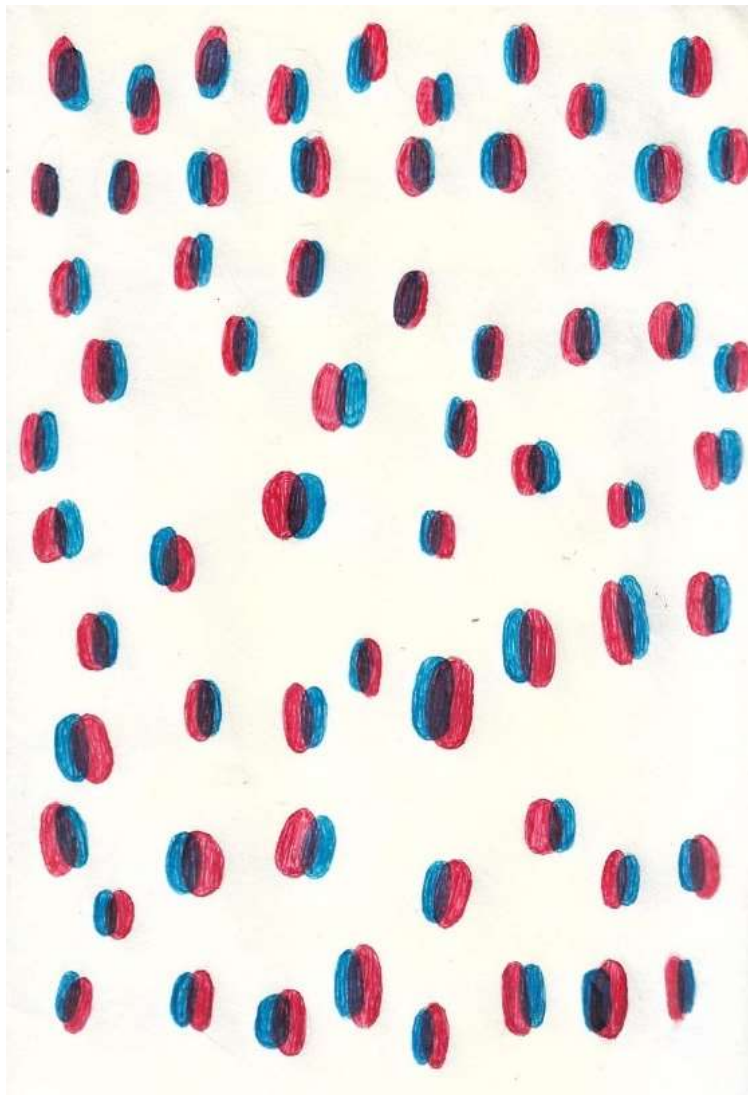
Título: *Blue Field*
 Artista: Harriet Raab
 Material: Acrylic on linen
 Ano: 2022
 Dimensão: 160 × 130 cm



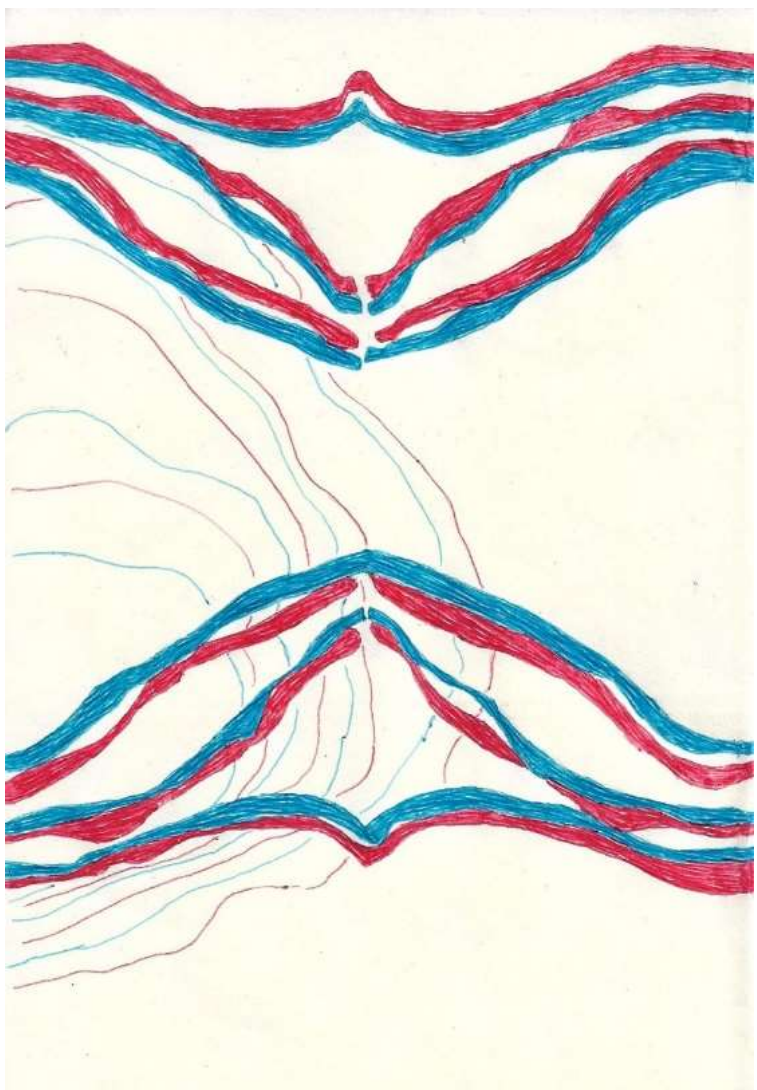
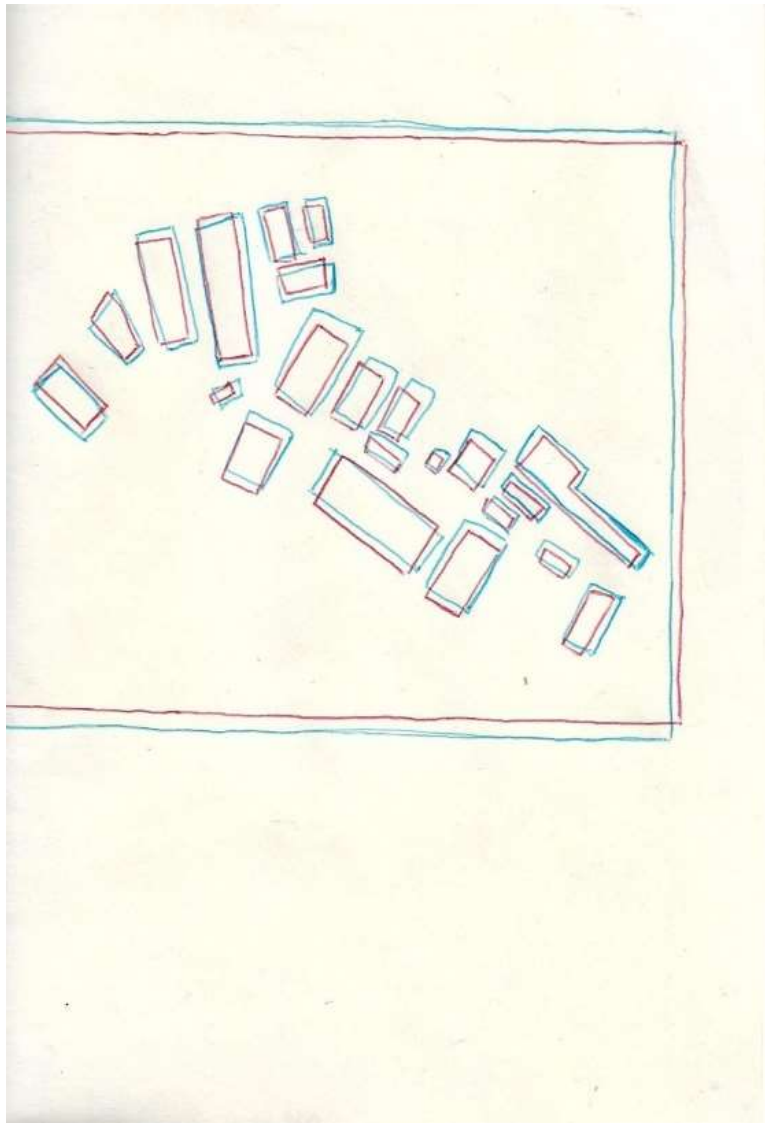
Título: Sem título
Material: pastel Oleoso
Ano: 2022
Dimensão: 12,0 cm x 8,3



Título: Sem título
Material: Papel Canson e pastel oleoso
Ano: 2023
Dimensão: 14,5 cm x 9,9 cm

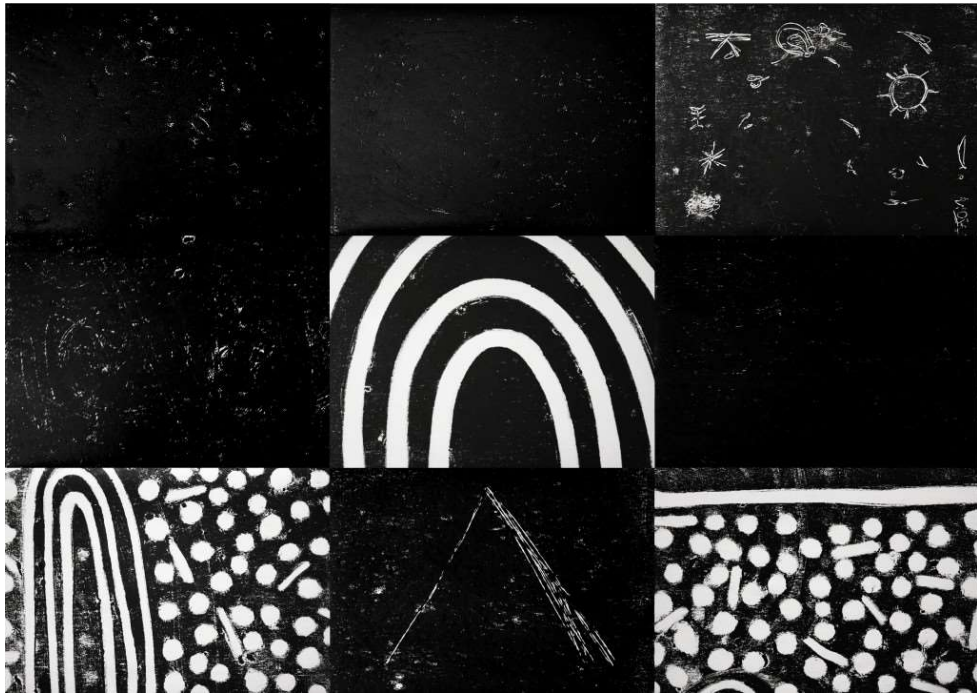


Título: Sem título
Material: Papel pólen e caneta esferográfica
Ano: 2023
Dimensão: 24,0 cm x 16,5 cm



Desenhos abstratos feitos diretamente no papel com giz oleoso e caneta esferográfica. Mistura de formas e linhas, mais como uma junção dos elementos dos trabalhos que eu já havia feito, porém todas chapadas.

Obras que podem dialogar com os trabalhos de Bruno Rios, Nuria Maria e Harriet Haab.



Título: A noite, o sexo, velas acessas, jangadas de cal

Artista: Bruno Rios

Ano: 2020

Material: monotipia sobre papel mata-borrão 250 g

Dimensão: 210 x 150 cm



Título: Heritage, BLA
 Artista: Harriet Raab
 Ano: 2022
 Material: Huile sur toile et pastels
 Dimensão: -



Título: In the light
 Artista: Nuria Maria
 Ano: 2020
 Material: -
 Dimensão: -

Desenho-Objeto:

3) Abstração: repertório de formas e processo criativo

Coletas, materiais não convencionais e desenho-objeto.

Nesta parte do processo, a ideia principal foi não utilizar o papel. "Como você produziria uma obra se todos os papéis do mundo acabassem?" – essa hipótese/pergunta (ou alguma similar, pois já não me lembro das palavras exatas) foi trazida por um professor. Nesse contexto, refleti como eu poderia trabalhar a abstração de outras maneiras. Surgiu então a vontade de seguir um outro caminho, uma vez que, até então, a maioria das minhas produções eram em papéis. Comecei a pensar em materiais dos quais, a princípio, não são os mais escolhidos ou comuns em se tratando de desenho.

São itens e objetos já existentes, corriqueiros (do cotidiano), dos quais me aproprio e os modifico ou rearranjo de forma que atendam à ideia de que pensei para eles. A partir daí eles se transfiguram em objetos artísticos, ou obra de arte. Segundo Gilles Deleuze,

As coisas e os pensamentos crescem ou aumentam pelo meio, e é aí que a gente tem de se instalar, é sempre este o ponto que cede. (DELEUZE, 1990, p.219 *Apud* BOURRIAUD, 2009, p.13)

A questão da pluralidade de materiais nas minhas obras permite transitar entre formas, não somente em seus aspectos físicos, mas principalmente em suas formas-conceitos e formas-categorias, como forma-escultura, forma-econômica, forma-social etc., mas, como artista e criadora, antes de tudo, não me apego a nada, faço como que despretensiosamente, pois, como diz Bourriaud, citando Ludwig Wittgenstein: "Não procure o significado, procure o uso" (BOURRIAUD, 2009, p.14). E ainda, quando assumo aqui a palavra "figura" como sinônimo de "desenho", a convergência entre essas questões pode se encontrar em linhas, pontos e economia, ou seja, objeto-linha, objeto-ponto e objeto-econômico, como podemos ver na minha obra "Ouriços", por exemplo,

uma vez que o desenho pode ser entendido para além do bidimensional, do grafite no papel.

Elementos do desenho como os ditos acima (linhas e pontos) podem também ir para a tridimensionalidade e ocupar espaços ou territórios. Nesse momento é que acontece a transição dos meus trabalhos, uma vez que, como visto na parte dois, as obras anteriores eram todas bidimensionais e feitas em papéis, agora nessa terceira parte, assumem aspetos de escultura.

Ainda que haja uma intenção, ou ideia primária, por parte do sujeito/indivíduo-artista (o criador) – pois sem sua presença não há nada, torna-se difícil a produção de obra artística – minha intenção é subtrair ou ofuscar a imagem do eu, uma vez que essas obras intencionam tão-somente funcionar a partir da coletividade/sociedade, dos desdobramentos que o espectador faz, consome ou interage com elas. Sendo assim, o objeto artístico opera como um agente ativo, que colabora com o todo e recebe colaboração por parte de todos.

Ainda, segundo Bourriaud:

Passando a gerar comportamentos e potenciais reutilizações, a arte contradiz a cultura "passiva" ao opor mercadorias e consumidores e *ao ativar* as formas dentro das quais se desenrola nossa vida cotidiana, sob as quais os objetos culturais se apresentam a nossa apreciação. (BOURRIAUD, 2009, p.1)

Grade de metal, sacolas de supermercados, lãs, abraçadeiras enforcagato, trigos secos, cerâmica, galhos e gravetos – estes foram alguns dos itens que apresento nesta parte do processo, tornando alguns desenhos-objetos uma escultura, que, como dito anteriormente, vai para a questão da tridimensionalidade. Há aqui também uma ligação com os agentes da *Arte Povera*, do uso das coisas simples e cotidianas, como relata Robert Lumley:

Arte Povera referia-se exclusivamente às práticas artísticas e à sua relação com a vida cotidiana. (LUMLEY, 2004, p.13) – *Tradução minha*

E continua:

[...] é a desmaterialização do objeto de arte como disse Lucy Lippard. (LUMLEY, 2004, p. 14)

Foram momentos diferentes do que comumente se espera em relação a "desenhar", pois passei a frequentar lojas de materiais de construção, busquei coletar materiais na rua e busquei guardá-los e acumulá-los em casa. Além disso, teve o tear, a linha da lã (o desenho no tecido), enfatizando que substituir o papel pode trazer ainda outras questões, tais como a ampliação do movimento corporal e a relação do corpo no espaço.

Alguns artistas que me foram apresentados e que acabaram me dando ideias estéticas, nessa parte do processo, foram: as esculturas de metal de Iole de Freitas e Richard Tuttle, as lãs de Sheila Hicks, os tecidos de Sônia Gomes e Leda Catunda e as cores e padrões de Daniel Buren.



Título: Artes plásticas
Material: Lã acrílica e sacolas plásticas
Ano: 2023
Dimensão: 50,0 cm x 45,0



Título: Tear 1
Material: Lã acrílica e graveto
Ano: 2023
Dimensão: 43,0 cm x 14,0 cm



Título: Tear 2
Material: Lã acrílica, papelão e papel
Ano: 2023
Dimensão: 27,5 cm x 14 cm



Título: Tear 3
Material: Lã acrílica
Ano: 2023
Dimensão: 19,0 cm x 23,0



Título: Tear 4
Material: Lã acrílica s/pedra
Ano: 2023
Dimensão: 23,0 cm x 11,5 cm



Título: Ouriços
Material: Plástico e Metal
Ano: 2023
Dimensão: 60,0 cm x 65,0 cm

Desdobramentos Poéticos e Considerações finais



Título: Sem título
Material: colagem e adesivo
Dimensão: 83 cm x 1m
Ano: 2023

A partir dos trabalhos mostrados anteriormente, como proposta visual, decidi fazer outras duas obras. Aqui estou fazendo alusão as minhas próprias imagens como referência para a elaboração das mesmas, que, por sua vez, surgiram a

partir de referências de outros artistas. É um ciclo que se retroalimenta: o artista-espectador e espectador artista.

E para finalizar este trabalho de conclusão de curso e/ou história, falando sobre o que ficou desses processos, de todos esses últimos quatro anos, talvez possa ser que no futuro nada disso faça tanto sentido para mim (Os sentidos se acumulam em camadas, e já não vemos mais as primeiras sedimentações). Talvez eu já esteja com outras questões a povoar meus pensamentos, com outras visões de mundo e talvez o tempo me faça repensar ou esquecer isso; ou ainda que eu nem queira mais falar sobre isso. Mas talvez tenha sido esse mesmo tempo que também tenha feito florescer minha criatividade, minhas ideias. Quem sabe essas ideias apresentadas aqui cresçam mais ainda, assumam outras formas, outros sentidos. No entanto, até aqui, esse foi o meu percurso, é ele o que tenho a oferecer no momento. Este é o meu percurso de pensamentos e produções. Talvez aqui seja o fim, ou o começo de um de uma história de sucesso – seja lá qual for a definição dessa palavra para você, caro leitor, vai saber, o futuro é misterioso, mas o que importa é o processo e nesses processos, isso tudo que eu trouxe aqui, foram partes das coisas que consegui produzir material e intelectualmente. Essa caminhada não foi fácil e evidentemente também não foi rápida, mas com certeza foi importante, o que não faltou foram informações a serem aprendidas, opiniões compartilhadas e progressos, pois acredito que cheguei mais "crua" de conhecimento do que saio. Seja como for, acredito que a arte é cultura e a cultura é inevitável, de toda forma, estará sempre presente na minha vida.



Título: Sem título
Material: gravetos e lã
Ano: 2023
Dimensão: 1,32m x 1m

5) Referências Bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlos. Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: Como a arte prorroga o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEMINSKI, Paulo. Ensaio e anseios críticos. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

LUMLEY, Robert. Movements in Modern Art: Art Povera. London, UK: Tate Publishing, 2004.

SERRA, Alice. Arte e imagem sob os olhares da desconstrução – São Paulo: Revista Cult (Dossiê Derrida) no. 195, 2014.

6) Sites dos artistas

BOKEL, Antônio.

Disponível em <www.antonibokel.com.br> Acesso em 2 de dezembro 2023.

BULCÃO, Athos.

Disponível em <www.fundathos.org.br> Acesso em 3 de dezembro de 2023.

CAPOGROSSI, Giuseppe.

Disponível em <<https://www.artnet.com/artists/giuseppe-capogrossi/2>> Acesso em 2 de dezembro de 2023

HAAB, Harriet.

Disponível em <<https://www.instagram.com/harrietraab/>> Acesso em 3 de dezembro de 2023 e <<https://tourretteparis.com/artistes/harriet-raab/heritage-bla>> Acesso em 3 de dezembro de 2023

MARIA, Nuria.

Disponível em <https://www.instagram.com/nuriamaria_nm/> e
<<https://www.artsy.net/artist/nuria-maria>> Acesso em 3 de dezembro de 2023.

RIOS, Bruno.

Disponível em <<https://www.premiopipa.com/bruno-rios/>> Acesso em 2 de dezembro de 2023

